



Uma Noite

ALUCINANTE

Ademir Pascale

Fábrica de Ebooks

Uma Noite
ALUCINANTE

Ademir Pascale

Uma Noite Alucinante

Copyright © por Ademir Pascale

Projeto editorial por A. Pascale

Imagem da capa: by Stockvault

Fábrica de Ebooks

www.fabricadeebooks.com.br

Proibida a reprodução total ou parcial sem autorização do autor

Obra protegida por direitos autorais

2015

Sexta-feira, 13 de julho de 2012. 1h00 da manhã:

Um Táxi — fuscão preto — cruza a Avenida Paulista sentido centro da cidade. Todas as luzes do veículo estão apagadas, exceto pela ponta do cigarro do motorista, que, com os olhos semicerrados e mãos grudadas no volante, continua seu trajeto, até alguém dar sinal em frente ao Hotel Indian, na Avenida Brigadeiro Luís Antônio, altura do nº 200.

O passageiro, um rapaz negro de aproximadamente trinta e cinco anos, óculos fundo de garrafa, camisa manga longa listrada, calça social cinza, cinto preto e tênis branco esportivo, entra e senta no banco traseiro.

— Boa noite! Me leva para a Estação da Luz, quero dar uns rolê por lá e vê cara nova. Sabe cumé, tô de saco cheio da patroa pegando no meu pé. Quando nos conhecemos era amorzinho pra cá, amorzinho pra lá. Ela me chamava de “bebê chocolate”, sentava no meu colo e fazia aquele amor gostoso. Agora só me chama de “merda” e de “seu porra”... Como as coisas mudam, não é? Cê é casado?

O motorista continua o seu trajeto calado, de olhar semicerrado e cigarro no canto esquerdo da boca.

— Ah, beleza, cê num qué fala porque deve passar pelo mesmo que eu, num é? Sabe cumé, tem hora que torra a paciência ouvir reclamação o dia inteiro: *seu porra, num falei para limpar os pés antes de entrar em casa? Já falei para não deixar a toalha molhada em cima da cama, seu caralho. Agora é hora da minha novela, vai tomar no... o seu jogo do Corinthians. Vai lavar a louça e só lava os pratos? Os copos e as panelas não fazem parte? Vai lavar logo, seu preguiçoso. Vou me separar de você e arrumar um cara rico e que more lá no Morumbi, tô por aqui desse seu salarinho de merda, seu merda. E se tá a fim de transar, vai escovar os dentes. Parece que mataram um gambá aí dentro. Mas transa rápido porque tô cum sono. E não esquece que amanhã tem que ir buscar a minha mãe na rodoviária. Num tô nem aí que você tá sem dinheiro, vai dá seus pulo. Pô, isso é jeito de uma mulher tratar um homem? Cara, num aguento mais. Vêi, na boa, cê num conhece algum terreiro bom pra fazer uma macumba pra essa mulher parar de pegá no pé e virá uma santa? Sabe cumé, tipo uma daquelas macumba que faz lavagem cerebral na pessoa. Cê sabe cumé? Sabe cumé?*

O motorista continua o seu trajeto calado, de olhar semicerrado e cigarro no canto esquerdo da boca.

— Cara, fala comigo. Dá uns conselho. Cê parece um cara bem vivido... Sabe cumé, motorista de Táxi tem bastante vivência nas ruas. Eu já tô quase fazendo uma loucura, pois num sei mais o que fazê. Me ajuda. Sabe cumé, sou homem mas tenho o

coração mole. Já cansei de chorar escondido no banheiro. E cadê esse Deus? Canso de rezar e ele nunca me ajuda. E você, acredita em Deus?

O motorista continua o seu trajeto calado, de olhar semicerrado e cigarro no canto esquerdo da boca.

— Tá certo em não acreditar. Veja em que merda estou? Quem disse que Deus é brasileiro é um viado sem noção. Deus deve vivê nos EUA, sabe cumé, lá eles vive tudo bem, ganha em dólar, comem bacon no café da manhã e tem um monte de feriado para comemorar... Cê gosta de feriado? Cê faz mais corridas em feriado, num é? Acredita que a minha mulher quebrou a minha caneca do Corinthians no último feriado? Só porque eu disse que tava cansado pra lavá roupa. Cara, o que qui tá acontecendo com essas mulher? Elas num quê mais sabe de lavá roupa, fazê comida e nem limpa a casa. Só sabem ficar mandando e mandando. E a sua mulher, manda você fazê as coisa em casa?

O motorista continua o seu trajeto calado, de olhar semicerrado e cigarro no canto esquerdo da boca.

— Tá certo, cê tá trabalhando de madrugada, deve chegar em casa cansadão. Sua mulher deve respeitar você, num é? Num é? Sabe cumé, as veis é muito melhor trabalhá o dia inteiro, cê chega em casa cansadão e vai dormi. A sua mulher deixa você dormi? A minha quando dá na louca fica assistindo Jô Soares e tudo esses programa que passa nas madrugada, Serginho sei lá o quê, uns clip doido, e num me deixa dormi. Véi, na boa, tô cansado pacas dessa vida de merda... Deve se bom ser motorista de Táxi, num é? Sabe cumé, ouvi os passageiro, visita lugar diferente, vive passeando e ainda ganha dinheiro. Num é bem assim? Num é?

O motorista continua o seu trajeto calado, de olhar semicerrado e cigarro no canto esquerdo da boca.

— Véi, na boa, olhando bem pra você cê parece aqueles cowboy de filme de faroeste. Cumé o nome mesmo daquele ator...? Clint Restwood... Wood... sei lá, algo assim... Cê parece ele, num é? Já não te falaram que cê parece ele? A sua mulher já disse que cê parece ele? Tenho certeza que algum passageiro já disse que cê parece ele, num é?

O motorista continua o seu trajeto calado, de olhar semicerrado e cigarro no canto esquerdo da boca.

— Ah, cê num deve assisti filme, né? Tá trabalhando a noite inteira, num é? Mas deve passar na sessão da tarde. Cê assiste a sessão da tarde? Passa uns filme repetido, mas é bacana. Sabe cumé, faz a gente passa o tempo e cê esquece da vida e dos problema. A minha mulher assiste a sessão da tarde comigo já faz três meses. Tô desempregado e recebendo o seguro desemprego. As veis, quando sobra um dinheirinho, compro uns chocolate pra ela come cumigo vendo os filme. Sabe cumé, ela é chata mas tá cumigo faz treze anos... Véi, na boa, será qui é por isso qui a gente

anda brigando tanto? Treze anos... O número treze dá azar, num é? Num é? Cê acredita nessas coisa?

O motorista continua o seu trajeto calado, de olhar semicerrado e cigarro no canto esquerdo da boca.

— Entendi, cê deve ser ateu. Num tem nenhuma cruzinha e nenhuma imagem de santo no seu Táxi, num é? Motorista de Táxi gosta dessas coisa, num é? Ah, menos você que é ateu. Véi, na boa, é bom ser ateu? Eu disse que num acredito em Deus, mas no fundo acredito. Minha família sempre foi muito religiosa. A minha mãe vivia na igreja e o meu pai cantava lá no coro todos os domingos. Aliás, foi na igreja que conheci a Roberta. E a sua mulher, vai na igreja ou é atéia? Véi, na boa, cê já ouviu falar sobre Charles Darwin? Ele era ateu e não acreditava em Deus, assim como você. Ele dizia que a evolução das espécies era uma prova de que Deus não existia. Muitas pessoas diziam que Charles se converteu e passou a acreditar em Deus, isso pouco antes de morrer, mas segundo a minha esposa que lê e estuda bastante, isso é pura mentira. Não passa de lenda urbana. Cê acredita nisso? Cê acha que ele se converteu ou continuou ateu até morrer? Hein, hein?

O motorista continua o seu trajeto calado, de olhar semicerrado e cigarro no canto esquerdo da boca.

— Véi, na boa, sabe cumé, já pensei em me jogar da ponte de Pinheiros. Dizem que quem se suicida num vai pro céu e fica vagando no nada pra sempre. Será que isso é verdade? Hein, hein? Ah, mas cê num acredita em Deus mesmo, num é? Mas cê num acredita nem um pouquinho? Hein, hein?

O motorista dá uma freada brusca, fazendo o passageiro parar no banco da frente. Ele desgruda com dificuldade as mãos do volante, deixando pedaços da sua pele grudadas nele. Logo em seguida segura com uma das suas mãos o passageiro pelo colarinho e escancara seus dentes apodrecidos, deixando seu cigarro cair da boca. Seus olhos enfurecidos revelam que ele realmente deixou de acreditar em Deus já faz muito tempo. Estica o seu braço esquelético e com seus dedos longos e magros abre a porta do veículo e chuta o passageiro para fora. Logo em seguida sai cantando os pneus enquanto solta um grunhido inumano de sua boca demoníaca: — Arrrrgh!

O motorista continua o seu trajeto calado, de olhar semicerrado e sem o cigarro no canto esquerdo da boca. Ouvindo apenas o som dos carros que passam por ele, aliviado, olha para o taxímetro parado desde 1985, data em que virou um morto-vivo.

O passageiro, sentado na calçada, percebe que o motorista retornou e o deixou em frente ao Hotel Indian, na Avenida Brigadeiro Luís Antônio, local de onde ele saiu. Raciocinando sobre os fatos, ele conclui e fala para si mesmo:

— Aquele cara entende das coisa. Além de não cobrar pela corrida me trouxe de volta, pois sabe que amo a minha mulher. E com o dinheiro que economizei, comprei um maço de flores para ela. Agora eu tenho a plena certeza que Deus existe. AMOR, O SEU BEBÊ CHOCOLATE VOLTOU.

SOBRE O AUTOR:

Ademir Pascale é paulista, escritor e ativista cultural. Participou em mais de 40 livros, sendo um dos mais recentes “Nouvelles du Brésil”, publicado na França pela editora Reflets d’Ailleurs. Publicou pela Editora Draco “O desejo de Lilith” e o seu mais recente romance “Caçadores de Demônios”. Fã n° 1 de Edgar Allan Poe, adora pizza, séries televisivas e HQs.

Blog: <http://odesejodelilith.blogspot.com>

Twitter: @ademirpascale

Contato: pascale@cranik.com

Fan Page: <http://www.facebook.com/ademir.pascale>

Fábrica de Ebooks

www.fabricadeebooks.com.br